

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Expansão da cana-de-açúcar na região do triângulo mineiro. Agroindústria e impactos sociais em Campo Florido/MG - Brasil.

Andréia Farina de Faria.

Cita:

Andréia Farina de Faria (2009). *Expansão da cana-de-açúcar na região do triângulo mineiro. Agroindústria e impactos sociais em Campo Florido/MG - Brasil. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/343>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Expansão da cana-de-açúcar na região do triângulo mineiro

Agroindústria e impactos sociais em Campo Florido/MG - Brasil

Andréia Farina de Faria¹

Fabiane Santana Previtalli²

1. Introdução

A cana-de-açúcar começou a ter suas fronteiras agrícolas expandidas para o Triângulo Mineiro após o incentivo do governo Lula aos biocombustíveis. A região é alvo de interesse do setor por possuir terra fértil para o cultivo, localização estratégica, extensa área plana e sem tradição sindical, atraindo assim o capital nacional e estrangeiro ligado à agroindústria. Assim, a área vem sofrendo profundas transformações, tanto em seu cenário ambiental como econômico e social. Como pano de fundo desta discussão, temos a manutenção do latifúndio na sociedade brasileira – que ainda não passou por um processo de reforma agrária – e o caráter de exportação agrícola da economia, que historicamente é dominada por relações heteronômicas de poder, interna e externamente.

Nesse sentido, ainda são evidentes alguns aspectos que assolam a economia agrária capitalista, tais como a dissociação entre as formas de produção e comercialização dos produtos agrícolas e a tendência da economia agrária em reproduzir formas de arcaicas de exploração do trabalho, que acabam por bloquear a transformação estrutural do campo (FERNANDES, 1973). A partir dos aspectos mencionados vem à tona as conseqüências que a apropriação desigual do meio

¹ Universidade Estadual Paulista – UNESP – Araraquara/SP/BR. E-mail: andreiaffaria@hotmail.com

Esta pesquisa conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na modalidade Bolsa de Mestrado.

² Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Uberlândia/MG/BR. E-mail: fabianesp@netsite.com.br

rural continua provocando, decorrente do modelo de desenvolvimento dependente vigente no Brasil.

Outro fator importante a ser discutido é o caráter da expansão canavieira na região, em larga medida acompanhada por mudanças técnicas e/ou organizacionais ao longo da cadeia produtiva em busca de maior produtividade, que não poderia deixar de refletir sobre a configuração das relações sociais de produção e sobre os trabalhadores. De forma o setor agrega dois perfis de trabalhador: os industriais, com exigências cada vez mais altas de qualificação e os trabalhadores rurais, em processo de achatamento devido à mecanização da colheita. Concomitantemente ao processo de modernização no campo ainda vivenciamos a intensa exploração do trabalhador na economia agrária, o que refunda o atrofiamiento no seio do desenvolvimento da economia rural.

Dessa forma, temos como objetivo discutir a expansão da cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro, as transformações provenientes da reestruturação no setor bem como os impactos sobre os trabalhadores perante a mecanização das lavouras e as possíveis respostas do movimento sindical frente à política de incentivo a agroindústria. Os resultados apresentados são parciais uma vez que a pesquisa encontra-se em andamento.

2. Considerações a respeito da agroindústria canavieira no Triângulo Mineiro: expansão e impactos na região de Campo Florido.

Ao recorrermos à história do desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro tem-se que a cana-de-açúcar não fez parte deste processo até os anos 2000. Podemos caracterizar o desenvolvimento econômico da região de acordo com períodos a seguir: até a década de 1940, a inserção do Triângulo se dava pela expansão comercial articulada à economia paulista; em 1950 a região sofreu transformações significativas pelo aumento do fluxo do comércio e de pessoas, principalmente pela construção da malha viária em atendimento a construção da capital brasileira; já em 1960 as medidas governamentais buscavam intensificar a industrialização. Nesse sentido, a partir da década de 1970 buscou-se a modernização do setor agrícola e maiores investimentos de integração da economia regional ao mercado nacional.

De acordo com Ferreira (2000) a economia rural na região caracterizava-se pela pecuária extensiva e pela produção mecanizada de cereais. Além disso, atividades rurais começavam a se estender ao meio urbano através da implantação de indústrias que beneficiavam os produtos agrícolas e que, a partir de 1970, juntamente com o setor produtor de equipamentos para a

agricultura conferiram nova dinâmica à economia da região, processo que é intensificado nas décadas seguintes.

2.1 Expansão e Impactos do setor sucroalcooleiro no meio rural

A produção de cana-de-açúcar que foi pouco expressiva em Minas Gerais até a década de 1990 começou a se destacar após o incentivo aos combustíveis renováveis, o que colocou o estado atualmente como terceiro maior produtor do país segundo dados da União da Indústria de Cana-de-açúcar (UNICA) e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A região do Triângulo Mineiro teve o maior incremento na produção, 179% no período de 1990 a 2006, hegemonia justificada pelas condições topográficas, climáticas e geográficas; em proximidade ao estado de São Paulo, pólo produtivo e tecnológico de referência no setor.

Essa expansão está inserida na execução do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo Lula, entre eles, o projeto de produção de etanol em grande escala com o intenso avanço dos monocultivos de cana-de-açúcar no país. Entre outras conseqüências, a transformação do álcool em *commodity* internacional faz o país perder a chance de conquistar sua independência econômica e põe em risco importantes ecossistemas e a produção de alimentos.

Nesse sentido, segundo levantamento do IBGE (2007), constatou-se, entre os anos 2004 e 2006, um aumento de 545.562 hectares na área plantada com cana-de-açúcar, ao passo que a área destinada a outras culturas diminuiu em 1.349.333 hectares. Em Minas Gerais, principalmente na região do Triângulo Mineiro observou-se um aumento de 96. 670 hectares da área de canaviais, sendo que as demais lavouras apresentaram uma redução de 175.971 hectares, no mesmo período. Segundo o documento, possivelmente, parte da área perdida pelas demais culturas foi convertida em canaviais, principalmente aquelas mais próximas às usinas, sendo a outra parte do aumento da área de cana proveniente de pastagens. O aumento da área plantada corresponde a 50% num curto prazo de três anos, 2002 a 2005.

De acordo com dados do IBGE, em Uberaba - região tradicionalmente pecuarista – registrou-se um alarmante crescimento da área de plantio de cana, no ano de 2006, da ordem de 36.000 hectares, elevando o município à categoria de 10º maior produtor de cana-de-açúcar do país, o que representa um crescimento de 61,1% em relação ao ano anterior.

O município de Campo Florido situa-se na zona do Triângulo do Estado de Minas Gerais, ocupando uma área de 1.261,726 km² sendo que a população residente, segundo o IBGE (2007), é estimada em 6.570 habitantes sendo, de acordo com a prefeitura, aproximadamente 60% urbana.

O município está inserido no processo de modernização agrícola por qual passou a região nos últimos 30 anos. A agricultura é o setor mais relevante para o desenvolvimento econômico e humano. Os sistemas de produção predominantes são a pecuária de corte extensiva, pecuária leiteira, sistema intensivo de grãos (soja, milho, sorgo) e sistema de culturas irrigadas. Precedendo à instalação da agroindústria no município, a abertura dessa fronteira agrícola incluiu o desmate, épocas que se instalaram carvoarias que produziam carvão vegetal para atender as siderúrgicas mineiras (MICHELOTTO, 2008).

Um aspecto importante na caracterização de Campo Florido se refere às lutas sociais pela reforma agrária. A partir de 1993, mais de uma centena de famílias sem-terra, quase 100% da população local, a maioria proveniente do Pontal do Triângulo, estabeleceu o primeiro assentamento de reforma agrária, a Nova Santo Inácio Ranchinho. Este grupo foi propulsor da criação do Partido dos Trabalhadores (PT) local e a base do Movimento de Luta dos Sem-Terra (MLST) com vinte acampamentos no Triângulo e no Sudoeste de Goiás, atualmente organizados em dois movimentos sociais, o Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL) e o Terra Livre.

A reabertura do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Campo Florido, fechado desde a ditadura militar ocorreu em 2000, demandada pela expansão da cana-de-açúcar e foi assumido por moradores do assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho. Outros assentamentos se localizam no município: Tavares, Aprazível e Francisca Vera. Desde então, o sindicato filiado a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG) passou a ter sua base formada por trabalhadores rurais do corte da cana e por assentados da reforma agrária; no ano de 2008 o sindicato contava com 636 trabalhadores filiados.

A instalação das usinas retomou a necessidade de força de trabalho na região, suprida a priori pelo trabalho temporário no campo. Constatou-se através de questionários qualitativos, o aumento do fluxo migratório para atender a demanda do corte de cana na microrregião de Uberaba – abrange o município de Campo Florido –, originária principalmente do Norte de Minas, Maranhão, Pernambuco e Bahia. Este processo deu-se com maior intensidade a partir de 2002, com a inauguração da Usina Coruripe em Campo Florido.

Em 2006, Sindicato Rural de Campo Florido registrou cerca de 1.200 trabalhadores no corte, número que caiu para 600 em 2007 e 425 em 2008. Segundo o diretor do sindicato, a quantidade foi decrescendo devido à mecanização da lavoura, o que também afetou a forma de negociação coletiva dos trabalhadores rurais.

A possibilidade de expansão mecanizada – devido ao relevo plano – é um dos fatores que torna a região atrativa para grupos tradicionais de outras regiões. No entanto, a modernização não

diz respeito apenas ao alto índice de mecanização, envolve também o desenvolvimento genético de mudas da planta com alto teor de sacarose e o aumento da resistência às pragas na lavoura.

Constatou-se durante entrevistas realizadas em uma usina³ da região, a dificuldade de se encontrar força de trabalho qualificada entre os trabalhadores rurais para a operação das novas colheitadeiras. Segundo a coordenadora de recursos humanos da usina pesquisada, o analfabetismo é o maior obstáculo para o processo de qualificação, que é oferecida através de parceria público privada entre as prefeituras da região e as usinas. A dificuldade de promover a qualificação dos trabalhadores pode ser entendida como conseqüência do desenvolvimento atrofiado inerente ao meio rural, promovido pelo acúmulo de capital a partir deste sem que houvesse contrapartida de desenvolvimento social no campo. De acordo com Fernandes (1973) a expansão de uma economia de mercado especificamente capitalista não foi suficiente para imprimir maior autonomia à economia agrária brasileira, tampouco transformou substancialmente as relações sociais no meio rural. Em outras palavras, o desenvolvimento na direção do capitalismo moderno se deu amparado em vínculos heteronômicos externos e internos, o que manteve a economia agrária dependente diante das economias centrais e precarizou as relações de produção com objetivos de acumulação.

Até 2007, a Usina Coruripe localizada em Campo Florido não possuía cana própria, sendo toda matéria-prima proveniente de fornecedores organizados sob o sistema de condomínios rurais. Os Condomínios de Empregadores Rurais ou Consórcios de Empregadores Rurais podem ser entendidos como a união de produtores rurais, pessoas físicas, com a única finalidade de contratar diretamente os empregados rurais, sendo outorgado a um deles, poderes para contratar e gerir a força de trabalho empregada na produção. De forma que a relação entre as usinas e fornecedores ocorre de forma desobrigada, ou seja, não existem interferências de um sobre outro, mantendo-se apenas os laços comerciais de compra da matéria-prima, fato que acaba por distanciar as relações de trabalho no campo com a imagem das usinas da região.

Em 2008, a proporção de cana de obtida dos fornecedores passou para 80%, sendo os 20% restante proveniente de terras arrendadas pela usina. Diante dessa nova realidade, a usina contratou um grupo de 100 trabalhadores rurais que passaram a ser administrados por uma empresa agrícola da mesma usina. No entanto, a tendência é de que poucos trabalhadores permaneçam contratados em virtude do processo de mecanização das lavouras, no qual os trabalhadores qualificados passarão a operar máquinas.

Quanto ao processo de modernização no campo, Graziano (1996) aponta que um dos resultados da industrialização no meio rural diz respeito à mudança no processo de trabalho

³ Os nomes dos entrevistados e das usinas permanecerão em sigilo devido aos acordos de pesquisa, fundamentais para a obtenção de dados concretos sobre o setor.

agrícola, em que o trabalhador deixa de controlar a atividade que desenvolve para se tornar operador de máquinas. Ainda de acordo com o autor, a complexificação do desenvolvimento produtivo no campo permite a criação do proletariado rural, principalmente pelo caráter financeiro em superioridade às necessidades técnicas e produtivas.

O mesmo caráter financeiro fez crescer a especulação fundiária elevando em 100% o preço do hectare de terra. Os arrendamentos atingiram assentamentos de reforma agrária da região, contrariando a lógica da produção familiar que se pretende a partir da reforma. Constatou-se que no Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho (115 famílias) que teve sua primeira produção de forma coletiva em 1994 (4 mil sacas de arroz), hoje tem sua produção individualizada na qual as principais fontes de renda são a produção de leite e o arrendamento de terras para a cana-de-açúcar. Esta última já atinge 50% do assentamento. O assentamento Tavares (62 famílias) localizado no mesmo município também possui terras arrendadas.

Tem-se o que Graziano (1996) aponta como caráter irreversível da modernização da agricultura, ou seja, a substituição às formas de relações familiares e dependência pessoal, reforçando a formação de um setor de assalariados rurais, distantes da totalidade do processo de produção, dado o aumento da especialização no manejo de máquinas e na colheita manual de gêneros agrícolas. Além disso, a modernização é implementada por grandes e médios produtores, afetando ainda mais a competitividade e permanência no campo dos pequenos produtores e assentados da reforma agrária.

Conforme a Tabela 1 ainda é possível verificar que no Brasil a diminuição do pessoal ocupado foi equilibrada nos dois tipos de relações que as caracterizam, quais sejam: relações de trabalho empregatícias e relações com laços de parentesco. Visto que as relações de trabalho com laços de parentesco representam 76%, constata-se a diminuição da tradição familiar típica ao meio rural.

Tabela 1.1 – Distinção categórica do pessoal ocupado

Pessoal ocupado	1995-1996	2006
Com laços de parentesco com o produtor	13.607.876	12.810.591
Empregados contratados sem laços de parentesco com o produtor	4.322.977	3.557.042

(Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 1995/2006)

Nesses termos, vivenciamos mais uma contradição gerada pela modernização capitalista no campo. Ao mesmo tempo em que ocorre a expansão das áreas cultiváveis e das fronteiras agrícolas em algumas regiões do país e que o trabalho precário e desumano vai sendo extinto de algumas culturas, tal como o corte manual da cana – e não há porque lutar pela manutenção de um trabalho degradante como este – o plano de reforma agrária e as políticas agrícolas não correspondem aos problemas gerados pela mecanização, ou seja, teremos novamente uma gama de trabalhadores expulsos do campo e sem novas condições de emprego, submetidos ao achatamento das relações sociais de produção que o desemprego provoca.

2.2 Características da expansão industrial do setor sucroalcooleiro no Triângulo Mineiro

A instalação de novas usinas no Triângulo Mineiro pode ser caracterizada como uma expansão posterior ao processo de reestruturação produtiva no setor – anos 1990 –, marcada por unidades produtivas modernas e automatizadas. No entanto, a expansão atual do setor deve ser compreendida a partir da constante reestruturação do capital em busca de melhores condições de produção e lucros.

Os dados obtidos em questionários qualitativos demonstram que entre as principais estratégias competitivas de quatro filiais de uma mesma empresa estão à redução de custos através de maior eficiência no consumo de matérias-primas e energia, além do melhor aproveitamento da força de trabalho existente. Os principais investimentos realizados nos últimos cinco anos dizem respeito à desverticalização da produção e a busca por fornecedores mais qualificados. Este último corresponde ao fornecimento de matéria-prima com maiores índices de sacarose. A usina também tem investido na informatização de funções, que já atingiu o índice de 65% de automatização.

Neste sentido, é exatamente porque o capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de criação de valores que ele necessita aumentar a utilização e a produtividade do trabalho. No entanto, a automatização permite que vários postos de trabalho sejam extintos do processo produtivo afetando a configuração das relações de trabalho no local de trabalho. O que se observa durante a fase de reestruturação do capital é a redução do tempo de trabalho físico e manual direto, característico da fase de acumulação taylorista-fordista, combinada ao crescimento do trabalho multifuncional, flexível e participativo, elementos centrais do toyotismo, ao mesmo tempo em que se desenvolvem formas cada vez mais precarizadas de exploração do trabalho no contexto da mundialização (ANTUNES, 2000).

Alguns aspectos específicos do setor são à preocupação com a qualidade do processo produtivo organizado de forma linear e ininterrupta (visando à diminuição de gargalos) e a ausência de inovações no produto final, atribuída à alta demanda de mercado, o que acaba por conferir certa comodidade aos fornecedores. No entanto, uma das novidades tem sido o marketing baseado nas certificações, principalmente as que envolvem os selos de Responsabilidade Social Empresarial. Este investimento faz parte de um conjunto de medidas que visam modificar a opinião pública correspondente ao setor, criticado pela queima da cana e pelo trabalho precário realizado pelos bóias-frias no campo.

Considerações Finais

Considera-se que a expansão cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro acompanhada pela mecanização é vista como positiva para a economia e como alternativa energética ambientalmente aceitável. No entanto, algumas questões estruturais escamoteadas pelo discurso da modernização se evidenciaram durante a pesquisa, quais sejam, a incapacidade de alcançar as novas demandas de qualificação a curto prazo, devido ao analfabetismo funcional presente entre os trabalhadores rurais e o arrendamento de terras de assentamentos da reforma agrária que fogem ao propósito de fixação do homem a terra.

Tem-se que às novas usinas seguem os moldes de outros setores industriais, cada vez mais competitivos e dinâmicos, principalmente devido à entrada de capital internacional no setor e do fim da intervenção estatal que vigorava até os anos 1990. A força de trabalho qualificada é escassa e vem importada de outras regiões com maior tradição no ramo.

A pesquisa encontra-se em andamento, de forma que os resultados apresentados são parciais.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BRAGA, Sandra. *De migrantes, foices e outras histórias: a expansão do capital sucroalcooleiro na microrregião de Uberaba*. In.: Nunciopolítica. Unipac – v.1, n. 2. Barbacena, 2004.
- FERNANDES, Florestan. *Anotações sobre o capitalismo agrário e a mudança social no Brasil*. In: Tamás Szmrecsányi; Oriowaldo Queda (org.). *Vida rural e mudança social*. São Paulo: Companhia Editara Nacional, 1973. p.131-150.
- FERREIRA, Ester. W. *Trocas migratórias internas na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: IE/UNICAMP, 1996.
- MICHELOTTO, Bruno Del Grossi. *Novos arranjos territoriais: a expansão da cultura da cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro*. Dissertação de Mestrado, CDS, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.